

ANÁLISE IMAGÉTICA E MORFOLÓGICA DA CIDADE DE MARINGÁ

IMAGING AND MORPHOLOGICAL ANALYSIS OF MARINGÁ CITY

GABRIEL SECCO PAZ^{1*}, NORMA ELIANE JUNG²

1. Arquiteto, pós-graduando em avaliações e perícias em Engenharias pela FEITEP, docente de desenho técnico pela FEITEP, câmpus Maringá; 2. Arquiteta, mestre em teoria e história da arquitetura pela UFRGS, docente de Ateliê de Arquitetura

* Avenida Gregório Baliski, 524, Mandaguacu, PR, CEP 87.160-000. gabriel.gsarquitetura@gmail.com

Recebido em 23/09/2019. Aceito para publicação em 07/11/2019

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo trazer os conceitos e princípios da Gestalt e Genius Loci para a cidade de Maringá, com a premissa de analisar e reformular o modo como as cidades podem ser vistas. Para isso, foram desenvolvidos estudos sobre os conceitos, aplicando-os às análises urbanas e traduzindo-os para a cidade de Maringá. Foram usadas como base as obras de Kevin Lynch, Gordon Cullen e Jan Gehl para compor as análises. Os resultados demonstraram por meio das análises imagética e morfológica, que Maringá é uma cidade única, sensível a mudanças, onde cada curva de seu traçado se traduz em sinestesia aos visitantes.

PALAVRAS-CHAVE: Genius Loci, Gestalt, Percepção ambiental, Maringá.

ABSTRACT

This article aims to bring the concepts and principles of Gestalt and Genius Loci to the city of Maringá, with the premise of analyzing and reformulating the way cities can be viewed. For this, studies were developed on the concepts, applying them to urban analyzes and translating them to the city of Maringá. The works of Kevin Lynch, Gordon Cullen, and Jan Gehl were used as the basis for the analysis. The results demonstrated through the imagetic and morphological analyzes, that Maringá is a unique city, sensitive to changes, where each curve of its layout translates into synesthesia to the visitors.

KEYWORDS: Genius Loci, Gestalt, Environmental perception, Maringá.

1. INTRODUÇÃO

A cidade, como se conhece atualmente, nada mais é do que uma evolução do que um dia na história da sociedade foi uma simples agregação de famílias em um único local. Esta visão simplista da cidade se expande exponencialmente quando se pensa a cidade não só como uma mera evolução, mas sim, como uma reunião de lugares que dão sentido à toda sociedade. A cidade

desta forma, se torna quase uma outra dimensão, definindo o palco necessário para o espetáculo dos acontecimentos sociais.

Olhando pelo intermédio que se tem entre a cidade e os indivíduos pertencentes a ela, nota-se que é impossível separar a cidade e o ser humano. A coexistência de ambos é algo que está ligado tanto à impossibilidade do desenvolvimento de uma sociedade complexa sem um lugar, bem como à completa utopia de se ter uma cidade que não depende do ser humano para ser. “Eu experimento a mim mesmo na cidade, e a cidade existe pela minha experiência incorporada. [...] Eu habito na cidade e a cidade habita em mim”¹. É notável então a maneira com que o ser humano está ligado à cidade, de forma corporal, simbólica e natural, sendo ela, portanto, uma grande geradora de memórias para cada um que a habita, “[...] fazendo do mundo e do homem duas criaturas esposadas, paradoxalmente unidas no diálogo de sua solidão”². Vê-se, então, uma necessidade baseada na forma da cidade em fazer com que os espaços não se tornem neutros nem estéreis, mas que sejam lembrados por suas particularidades, afetando cada um de forma diferente. “Tem-se na imagem da cidade o monumento que enaltece a capacidade da espécie humana de instituir a ordem e são os lugares que marcam o tom de suas escalas.”³.

O dinamismo dos ambientes que nos cercam é algo que faz jus à aplicação destes conceitos à realidade de qualquer pessoa que vive em uma cidade. O ritmo frenético do trânsito nos horários de pico, são, por exemplo, ditos como a causa do estresse de muitas pessoas, enquanto a calma de um parque urbano, seria seu refúgio mental. Esse tipo de inter-relação só acontece por conta da maneira como lidamos com a “entidade ambiental”⁴. Esse vínculo entre o espaço edificado (ou não) e o ser humano, se dá não só de forma emocional ou subjetiva, mas também acontece no âmbito comportamental, visto que os atos ante à um lugar mal iluminado, são diferentes de comportamentos em lugares públicos abertos e iluminados. Essa característica, pensamento e emoção dos transeuntes, reforça ainda mais a ideia de que a arquitetura e o urbanismo são áreas que impactam diretamente a vida de cada um dentro de uma cidade, fazendo com que esta, se torne algo indispensável na vida e, principalmente, na

sobrevida de uma cidade como um todo.

Neste sentido, análises, como as aqui discutidas, trazem dados únicos de como uma cidade é vista e interpretada pelas pessoas, podendo assim, ser modificada conforme suas necessidades para melhor atender aos anseios de quem a habita. A análise imagética e morfológica da cidade de Maringá, pode se tornar então uma ferramenta de manutenção à imagem da cidade, preservando seu conceito e aprimorando a forma como é sentida.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Para a presente pesquisa foram coletadas informações através de estudos bibliográficos somados a observações a campo na cidade de Maringá, Estado do Paraná, Sul do Brasil. Além disso, os temas aqui apresentados foram levados à discussão tanto com cidadãos maringaenses quanto com moradores da cidade de Maringá, originários de migração de outras regiões brasileiras. A coleta das informações foi feita por entrevista às pessoas questionando-as sobre os pontos de referência da cidade, quais os entrevistados julgam mais relevantes, como, na opinião dos entrevistados, é o desenho de Maringá, qual é a sensação de estar em Maringá, e o porquê de gostar ou não da cidade. Assim, pôde-se ter uma visão generalizada sobre como é a percepção de quem habita e se utiliza de tudo o que a cidade pode oferecer. Com estes dados, puderam ser aplicados os conceitos dos estudos acerca da Gestalt e Genius Loci, baseando-se nas análises urbanas já realizadas por Kevin Lynch, Gordon Cullen e Jan Gehl, comprovando assim, que a cidade de Maringá é realmente única em suas entrelinhas e que, mesmo que não percebamos, a sinestesia embarcada no traçado da cidade, nos auxilia a reforçar ainda mais o sentido de pertencimento que temos da cidade.

3. RESULTADOS

Psicologia ambiental como vertente da arquitetura

“[...] toda experiência que o ser humano vivencia é consequência do resultado de atividades do cérebro, da mente e de sua percepção individual”⁵.

Em se tratando de percepção ambiental, atualmente, há uma tendência de multidisciplinaridade ligada aos estudos da arquitetura e do urbanismo aplicados. Psicologia e neurociência são duas áreas que foram agregadas à arquitetura e trazem resultados impressionantes quando juntas. Pode-se, neste sentido, trazer os princípios da Gestalt a uma análise profunda da imagem de uma cidade. Tem-se então, uma visão diferenciada em relação à forma com que habitantes comuns* veem a cidade. Isso quer dizer que a forma como se vê a cidade é sempre modificada e distorcida por quase tudo que nos cerca. Soma-se a isso às

vivências e particularidades de cada um, e se tem percepções infinitas de um mesmo local, proporcionando a cada ser uma sensação única, que no final das contas, dá sentido à verdadeira função do que é a arquitetura: fazer com que pessoas sintam os espaços de forma instintiva e visceral.

A importância do estudo da psicologia junto às definições de percepção ambiental, nos dá um panorama diferenciado quando colocado frente a uma análise morfológica da cidade. A forma como cada indivíduo reage e se identifica com um espaço, seja ele construído ou natural, é de extrema importância quando se propõem novos usos para espaços antigos e novas interações para com eles. Neste âmbito, é notória a capacidade de transformação político-social da aplicação da arquitetura e do planejamento urbano. A psicologia ambiental pode ser vista como um estudo cíclico entre o ser e o ambiente. Uma transformação física no meio pode (e provavelmente vai) gerar mudanças comportamentais nas pessoas que se apropriam da área, e, da mesma forma, uma mudança do nicho de pessoas que utilizam um espaço, necessitará de uma transformação física no ambiente. Essa área de estudo, portanto, responde à duas perguntas básicas: como e por que o ambiente influencia o ser humano e vice-versa.

A leitura do espaço

Para se compreender de fato como é a estrutura imagética de uma cidade, é preciso conhecer dois conceitos básicos que, neste artigo, são tratados como peças fundamentais: a Gestalt e o conceito de Genius Loci. Ambas as ideias têm íntima relação com os conceitos utilizados na neurociência para explicar como o sistema límbico* humano cria imagens dos locais e as trata como familiar ou estranha, agradável ou não, de acordo com suas experiências. Essas sensações manifestadas pela maioria das pessoas é basicamente uma resposta aos estímulos criados intencionalmente ou ao acaso, pela estrutura e organização da cidade. O cérebro humano tem a tendência natural de nivelar-se a todos os estímulos externos, sendo que em tudo o que vemos e sentimos, ele os organiza de forma a fazer sentido.

“As forças de organização, dirigem-se, espontaneamente, para uma ordem espacial, que tende à unidade em todos fechados, segregando uma superfície, tão completamente quanto possível, do resto do campo. Existe a tendência psicológica de unir intervalos e estabelecer ligações”⁶.

Desta forma, é estranho para a maioria das pessoas, uma mudança abrupta na paisagem, que rompa a linearidade do todo. Este fato é explicado também pelo sentido da boa continuação, onde temos a tendência de orientar linhas anexas à uma forma primária seguindo a mesma direção e sentido desta. Qualquer coisa fora desse sistema, é estranho aos olhos. A análise de uma cidade é muito próxima à análise de uma obra de arte,

* Lê-se pessoas que não têm relação com estudo sobre neurociência, arquitetura e/ou Gestalt.

* Sistema responsável pelas emoções e sentimentos humanos.

uma pintura qualquer. Não há nela nenhuma característica absoluta intrínseca nas cores e formas da obra, bem como não há também em uma cidade. O que há são relações inseparáveis de forças externas**, do objeto à luz que se encontra, e forças internas***, de coesão e ordem. A escolha da Gestalt ao analisar uma cidade, foi, portanto, entender mais profundamente como se dão as relações entre a cidade e seus habitantes de forma introspectiva e instintiva.

Concomitantemente à Gestalt e seus princípios, há a ocorrência do conceito de *Genius Loci*. Este, por sua vez é um conceito que também diz muito sobre a psicologia, mas que está intimamente ligado com os estudos sobre a arquitetura. *Genius Loci*, em sua essência, significa o espírito do lugar, nos remetendo à ideia de que todo lugar tem sua identidade própria que faz com que saibamos exatamente onde estamos e qual a carga emocional que se tem ali.

“Os lugares são histórias fragmentárias e isoladas em si, dos passados roubados à legibilidade por outro, tempos empilhados que podem se desdobrar, mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo”⁷.

É claro que nem todos os lugares para todas as pessoas vão ter este sentido. Mas, se olharmos para o lugar (ou a cidade) onde nascemos, ou então a casa dos pais, dos avós, teremos ali, por mais simples, ou por menos “arquitetônico” que seja o lugar, um sentido completo de pertencimento, uma afeição. Dizemos então que estes espaços são realmente lugares, onde a qualquer momento da vida do espectador, este sítio vai ter sentido e vai ser referência para qualquer que seja a situação.

“Por que tão poucas construções modernas tocam nossos sentimentos, quando qualquer casa anônima numa velha cidadezinha ou o mais desprezioso galpão de fazenda nos dá uma sensação de intimidade e prazer? Por que as fundações de pedra que descobrimos num campo de mato crescido, um celeiro desabado ou um hangar abandonado despertam nossa imaginação, enquanto as casas em que moramos parecem sufocar e reprimir nossos devaneios?”⁸

Análises urbanas por Lynch, Cullen e Gehl

Tomando como base os princípios relacionados, se fazem presentes nos estudos da área de urbanismo, focados em análise urbana, três grandes autores que, neste artigo serão o embasamento ideológico e metodológico para o desenvolvimento da pesquisa. São eles: Kevin Lynch*, Gordon Cullen** e Jan Gehl***. Os

três autores têm íntima relação com análises urbanas e são referências quando se trata de urbanismo.

O primeiro deles, Kevin Lynch, faz uma análise mais objetiva de como é criada a fisionomia de uma cidade. Em uma mesma cidade sempre “há mais do que o olho pode ver, mais do que o ouvido pode perceber”⁹. Lynch começa sua análise por seu embasamento teórico, explicando que o design (num sentido amplo da palavra), é algo temporal e mutável. Ou seja, aplicando isso à uma cidade, se tem algo que não aceita modismos nem vícios projetuais, pelo simples fato de que quando há uma reunião de muitas pessoas em um só lugar (cidade, por definição), é natural que se tenha uma prevalência do sentido comum, e que desta forma, se crie algo que funcione por si só. Entretanto, é claro que nem por este motivo, uma cidade deve deixar de ter sua beleza implícita. Neste ponto, entram os objetivos das sensações visuais do ambiente. Lynch define como uma das principais características morfológicas de uma cidade a legibilidade. Segundo ele, esta característica se torna primordial quando o assunto é locomoção simplificada dos cidadãos. Esta condição então, pode levar uma cidade a duas situações distintas: a cidade inibidora, a qual é definida pela ordenação da cidade em detalhes precisos e na maioria das vezes fixos; e a cidade propícia a mudanças, onde até mesmo sua malha urbana pode conduzir a certas modificações de atividades.

Em um segundo momento, Kevin Lynch faz uma análise de três potenciais cidades norte-americanas. São elas: Boston, Jersey City e Los Angeles. Em uma situação comparativa, fica fácil perceber o quão importante é o equilíbrio entre espaços construídos e os espaços vazios. Lynch diz por exemplo, que na cidade de Boston, pelo desenho que o rio Charles descreve, é possível ter uma visão ampla da cidade, com uma “clareza inequívoca”, dando a clara sensação de amplitude ao local. Na mesma linha de raciocínio, é citada Jersey City, com sua ampla skyline em direção à Manhattan. Essa amplitude, mesmo que nem sempre agradável, dá um prazer emocional ao espectador, de forma inconsciente. O mesmo ocorre com praças e parques. Ainda que disformes, esses espaços parecem ter afeição com quem os transita, e, se retirados ou apropriados de forma negativa, matam uma parte vital da forma da cidade. Lynch também toca no assunto da cidade para os carros, em seu exemplo, Los Angeles, teria sua parte importante da imagem, segundo o sistema viário. Ainda assim, mesmo com todos os pontos em comum entre as três cidades analisadas, cada uma tem sua particularidade e é sempre sentida pelos cidadãos de forma diferente. Boston, com sua capacidade de abrigar

** Forças que, segundo Gomes Filho (2008)⁶, são originadas pelo objeto e a iluminação incidida sobre ele e percebidas pela retina humana.

*** São forças que ordenam os estímulos recebidos; “[...] têm sua origem [...] em um dinamismo cerebral que se explica pela própria estrutura do cérebro” Gomes Filho (2008)⁶.

* Urbanista e escritor. Graduado em Planejamento Urbano pelo MIT (EUA), 1947 e professor em 1963.

** Arquiteto e urbanista britânico. Apoiador do movimento *Townscape*.

*** Arquiteto e urbanista dinamarquês. Motivador da melhor qualidade de vida pelo planejamento urbano, favorecendo ciclistas e pedestres.

e acolher, Jersey City com sua frieza e imparcialidade e Los Angeles com seu espetáculo e dualidade.

Gordon Cullen (1996)¹⁰, em complemento a Lynch, tem uma visão geral sobre as características que compõem o traçado urbano. Usa de três princípios que segundo ele, são os que ordenam e dão sentido às nossas reações emocionais frente a um ambiente: a óptica; o local; e o conteúdo. Esses três aspectos quando relacionados, podem explicar o porquê temos diversas reações ao entrar por exemplo em uma ampla praça ou em uma sala fechada. Cullen explica cada aspecto em específico que compõe a estrutura imagética e sensorial dos ambientes urbanos: tipos de percepção, limites, locais e tipos de apropriação, são algumas características citadas e explicadas por ele. Assim, a obra de Cullen, serve como complemento à análise urbana de forma específica.

O último autor analisado, Jan Gehl (2013)¹¹ se utiliza de dados estatísticos para afirmar sua opinião acerca das características que envolvem as cidades atualmente. A primeira, e talvez a mais importante característica citada por ele, é a dimensão humana, característica que se tornou segunda opção nas fases projetuais. A partir do crescimento exponencial do modernismo e seu pós-movimento, aliado à grande quantidade de automóveis em fabricação, as cidades se adaptaram de forma inconsciente à nova realidade imposta. O crescimento do número de carros por família gerou uma explosão do número de veículos trafegando nas mesmas vias que outrora trafegavam apenas metade. Lançaram-se projetos ambiciosos e visionários, trazendo uma grande solução de mobilidade: as grandes vias e elevados para automóveis. Essa condição criou a princípio cidades modernas, mas que com o tempo, percebeu-se o tamanho do prejuízo. Cidades pouco atrativas para o pedestre e até mesmo para outras formas de locomoção, edificações monumentais, onde a visão humana se perde, é a negação quase completa da escala humana frente às metrópoles. “Espaço limitado, obstáculos, ruído, poluição, risco de acidentes e condições geralmente vergonhosas são comuns para os habitantes, na maioria das cidades do mundo” Gehl. Em contrapartida, essas condições que foram criadas, fizeram com que soluções fossem encontradas. Melhores espaços de convivência, por exemplo, tornaram as cidades mais vivas e com melhor aproveitamento dos espaços públicos.

Gehl ainda põe à mostra decisões projetuais que garantiram a algumas cidades grandes vantagens e condições de usabilidade dos espaços muito melhores. Exemplos disso são as cidades de Copenhague que, em menos de trinta anos aumentou drasticamente seus espaços públicos; Melbourne, onde em 11 anos, foram melhorados em 39% os índices de permanência em espaços públicos; e Oslo, onde, a simples implantação de mais bancos garantiu que o dobro de pessoas permanesse nas áreas simplesmente por terem onde sentar. Pode-se perceber então que não é preciso grandes modificações no traçado de uma cidade para se ter grandes melhorias em seu funcionamento. Na verdade,

pensando em menor escala é que se consegue atingir mais diretamente a vida das pessoas e a forma como interagem com o espaço edificado.

Os três autores analisados, em comparação trazem informações que serão de extrema valia para a análise de qualquer cidade. Lynch nos dá a metodologia, Cullen, as informações necessárias e Gehl, as soluções. De forma indireta, os autores se complementam, pois, trazem como base, diretamente ou indiretamente, os princípios da Gestalt e percepção ambiental arraigadas em seus discursos, o que nos dá uma concepção totalmente válida para uma análise imagética e funcional da cidade de Maringá

4. DISCUSSÃO

Maringá: forma e imagem

Tendo todos os princípios e métodos listados como base, é possível então analisar a estrutura não só morfológica, mas também imagética da cidade de Maringá. Para isso, considera-se a Maringá atual. A cidade conta com uma população estimada de 423.666 pessoas, segundo a estimativa do IBGE para o ano de 2019, em uma área de 487,013km², garantindo uma densidade populacional de aproximadamente 733,14 habitantes por quilômetro quadrado em seu perímetro urbano. Maringá foi considerada a melhor cidade do Brasil, entre as 100 com mais de 266.000 habitantes, segundo a revista Exame de 2017. A propaganda sempre divulgada de Maringá ser uma cidade planejada nos moldes de Ebenezer Howard para as cidades-jardim, dá à cidade um certo dever de cumprir seu papel – e isso acontece muito bem, em alguns aspectos.

A cidade planejada do norte do Paraná tem seu traçado baseado nos conceitos de cidades jardim. Isso quer dizer que as “peculiaridades geográficas”¹², da região foram completamente respeitadas, não seguindo um modelo fixo, mas se adaptando ao seu sítio. Quer dizer também que Maringá tem seus grandes Boulevares com 36 metros de largura, avenidas concêntricas e muito bem arborizadas. Não é difícil de se perceber tais características na cidade canção. Na verdade, isso é algo que para os maringenses é simplesmente comum, enquanto para a maioria das pessoas é algo extremamente icônico.

O traçado viário de Maringá, portanto segue um padrão difícil de encontrar em qualquer outra cidade. Apesar de seguir rigorosamente a topografia original do local, a cidade não é desorganizada, nem tampouco confusa. É interessante notar que Maringá, quando comparada com a morfologia de outras cidades como São Paulo, ou até mesmo Londrina, localizada também ao norte do Paraná, a 98km de Maringá, leva vantagem por sua identidade de lugar, seu *Genius Loci* bastante pronunciado. Ainda que Londrina tenha sido criada e colonizada também por ingleses na década de 20, há uma notória diferença entre as cidades e sua morfologia. Guardando as devidas proporções, o sentido de lugar empregado por Maringá é algo que vem sendo arraigado em seu traçado e em qualquer lugar que se vá, seja em

um dos *boulevares*, seja em um bairro qualquer, como por exemplo, as grandes avenidas que compõem o traçado viário: a Av. Colombo, com seus grandes Ipês Roxo, a Av. Paraná, com suas altas Palmeiras Imperiais, a av. Tiradentes com os Flamboyants e os Paus-ferro, ou então a av. Brasil também com seus Ipês Roxo. É fácil se localizar, pois todas as principais avenidas da cidade têm um grande sentido de lugar. Você sabe que está em tal avenida simplesmente pela arborização de seus canteiros. É lógico que a Maringá de hoje perdeu um pouco do que foi proposto por Jorge de Macedo Vieira*. Com o crescimento populacional, a cidade teve que se expandir a Norte, fugindo do traçado original. É notável, então, a diferença da parte nova e velha da cidade, não sendo isto um problema, mas um ponto a ser observado. É interessante notar também que em seu traçado, Maringá tem seu centro histórico e eixo monumental bem definido, contemplando a região entre as avenidas Herval e Duque de Caxias. Este centro é fácil de se observar em satélite ou em planta, mas complicado de se perceber em alguma área mais afastada da Catedral** e da Av. Getúlio Vargas.

A organização dos pontos nodais de Maringá fica por conta principalmente de seu eixo histórico. Ali, estão localizados a Catedral Nossa Senhora da Glória, símbolo mestre da cidade, a praça da prefeitura logo à frente, os prédios históricos da Av. Getúlio Vargas, a praça Raposo Tavares juntamente com a av. Brasil, o Terminal urbano, e mais à frente a vila olímpica e a Universidade Estadual de Maringá. Para os maringaenses a forma de localização dentro da cidade se baseia em indicar onde fica cada um desses pontos, sendo estes, importantes pontos estratégicos para a maioria das pessoas. Quando os maringaenses são questionados com perguntas do tipo “Como é o desenho de Maringá?”, são dadas respostas em quase 100% das vezes sobre os pontos nodais que a cidade abriga e onde ficam. É interessante notar que na maior parte das vezes, as respostas contemplam a parte sul da cidade, ou seja, a área abrangida pelo plano original de Macedo Vieira, mostrando assim, a importância do traçado urbano condizente com o estilo de vida das pessoas que o utilizam.

Um outro grande destaque da cidade de Maringá é seu Novo Centro, centro comercial e residencial que ocupa uma faixa de aproximadamente cinco grandes quadras, compreendidas entre as avenidas São Paulo e Paraná a leste-oeste e avenidas João Paulino e Horácio Racanello no sentido norte-sul. Essa área, apesar de ter sido muito aclamada (e ainda continuar sendo por alguns) pela sua “modernidade”, é infelizmente uma área totalmente descontinuada do traçado original de cidade. Há alguns anos, aquela área era ocupada pelo pátio de manobras da ferrovia, onde hoje, restou apenas

a memória de alguns e o conhecimento que ali logo abaixo*** do novo centro passa o trem de carga.

Outro ponto a ser notado na cidade de Maringá é a vasta arborização de todo seu território. Nos bairros mais antigos a arborização nas calçadas se faz bastante presente, nas ruas e avenidas, são criados túneis verdes sobre as vias, formados por copas de árvores (como por exemplo na av. Juscelino Kubitschek ou na avenida Prof. Sincler Sambatti/ rod. Silvino Fernandes Dias, próximo à Cidade Alta). Para qualquer lugar que se olha, é notada toda a flora da cidade em seu auge. Toda essa arborização faz sentido quando vemos que no plano original de Macedo Vieira, já havia a intenção de prever dois grandes parques (na época, fundos de vale) para a cidade, hoje chamados de Parque do Ingá e Bosque 2. Estas duas áreas de preservação, juntamente com o Horto florestal, hoje desativado para visitas, criam os espaços de contemplação devidos da cidade. Esses três principais, mais os outros parques menores que se tem, são de extrema importância para a manutenção da energia vital da cidade. Maringá é, sem dúvidas, uma cidade bela, principalmente em sua vastidão verde, fazendo com que os princípios modernistas fossem deixados por um momento de lado, para que a beleza fosse uma das funções da arquitetura. Não que Maringá seja exclusivamente bela, mas alia toda sua funcionalidade com a agradável sensação de beleza nata.

Maringá é uma cidade extremamente sensível. Caminhar pelas ruas e avenidas da cidade é algo diferente e único. A cidade, definitivamente foi projetada a fim de exaltar sua beleza em nível do observador, não sendo, portanto, uma cidade verticalizada. Uma grande característica da cidade de Maringá é apresentada de forma geral por Gordon Cullen: a visão serial. Segundo o autor, a definição desta característica é feita por sucessões de paisagens dentro de um mesmo plano, onde por exemplo, a cada passo, a paisagem é modificada. Quanto a Maringá, essa sucessão se dá pela malha viária da cidade, modificada (aos olhos do observador) por cada percurso escolhido. É possível por exemplo, estar descendo a rua Néo Alves Martins em uma sequência monótona de árvores vistosas e pequenos comércios em nível do observador, murados por prédios pequenos, residenciais e desembocar na av. Paraná, onde repentinamente se tem uma visão ampla de toda ela. Isso cria efeitos quase dramáticos ao caminhar pela cidade.

Maringá é uma cidade dinâmica e extremamente mutável. São raros os lugares que se tem a monotonia características de centros urbanos. A única possível visão monótona que se pode ter ao caminhar pelas ruas da cidade, é sua arborização, que, em si e por si, já é algo mutável. Quando se olha a Cidade Canção sob a conceituação imagética da Gestalt, nota-se que Maringá

* Arquiteto responsável pela criação do plano original de Maringá.

** Catedral Basílica Menor Nossa Senhora da Glória. Edificação pertencente à Igreja Católica e monumento símbolo de Maringá.

*** A antiga linha férrea que passava ao nível da rua no novo centro, foi rebaixada para um túnel que cruza todo o centro da cidade. As obras de rebaixamento da via se iniciaram no ano de 2006.

tem o sentido do todo e que este é justificado por cada pequeno espaço, por mais destoantes que sejam entre si.

4. CONCLUSÃO

A presente pesquisa se faz necessária quando se trata de como é vista a cidade e como esta pode trazer benefícios à qualidade de vida pelo bom planejamento. É notória a capacidade do arquiteto de transformação do espaço e de vidas, aliando conhecimentos do ambiente físico e da ciência da mente para alcançar seus objetivos para com a sociedade. Fazer uma leitura correta do meio onde se vive, traz ao arquiteto ou a qualquer um que possa e queira modificar o espaço, uma visão ampla e generalista de tudo que o cerca, como funciona e porque afeta diretamente a vida das pessoas.

Os estudos arquitetônicos, psicológicos, neurocientíficos, sociais e comportamentais se fundem quando o assunto é ambiente urbano e sociedade. Cada pequena modificação no espaço é vista, sentida e traduzida de formas diferenciadas por cada um que vivencia o meio. Novamente, se faz presente a função do arquiteto como o mediador entre meio e sociedade e como reformador do bem-estar social.

Maringá, quando colocada sob a ótica de conceitos como Gestalt e Genius Loci, é vista como uma cidade de sensações. É quase um jardim sensorial tirado de poemas bucólicos. Maringá tem uma energia vital que não se vê em qualquer lugar. É uma cidade em pleno crescimento, mas que mantém ainda características do interior que, em palavras básicas, dá a sensação de aconchego e familiaridade.

Fazendo uma retificação na frase dita anteriormente sobre a comparação das cidades que Kevin Lynch analisa, seria possível reescrevê-la desta forma: Boston, com sua capacidade de abrigar e acolher, Jersey City com sua frieza e imparcialidade, Los Angeles com seu espetáculo e dualidade e Maringá, com sua capacidade sinestésica e sua beleza nata.

5. AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os professores, orientadores de graduação, aos professores que se dispuseram para dar continuidade à pesquisa e à instituição FEITEP que se dispôs a auxiliar na publicação do artigo. Meus sinceros agradecimentos.

REFERÊNCIAS

- [1] Pallasmaa J. The Eyes of the skin – architecture and the senses. 2ª ed. Great Britain: Wiley Academy – John Wiley & Sons LTD. 2005.
 [2] Bachelard G. A poética do espaço. 2ª ed. São Paulo:

- Martins Fontes, selo Martins, 2008.
 [3] Forgiarini L. Um sentido de lugar para a nova urbanidade. In: Castello N. (Org.) Lugares de Urbanidade. 1ª ed. Curitiba: Editora CRV, 2017; 113p.
 [4] Moser G. Psicologia ambiental. Estudos de Psicologia. Universidade René Descartes – Paris. 2008; 3(1):121-130.
 [5] De Oliveira ABA. Luz – elo entre neurociência e arquitetura. Revista online Especialize, mai. 2012.
 [6] Gomes Filho J. Gestalt do objeto – sistema de leitura visual da forma. 8ª ed. São Paulo: Escrituras. 2008.
 [7] De Certeau M. A Invenção do cotidiano – artes de fazer. 3ª ed. Petrópolis: Editora Vozes. 1998.
 [8] Pallasmaa J. A Geometria do sentimento: um olhar sobre a fenomenologia da arquitetura, 1986. In: NESBITT, K. (Org.) Uma nova agenda para a arquitetura. São Paulo: Cosac & Naify. 2008; 482-489.
 [9] Lynch K. A Imagem da cidade. 3ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. 2011.
 [10] Cullen G. Paisagem urbana. Lisboa: Editora Edições. 1996; 70.
 [11] Gehl J. Cidades para pessoas. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva. 2013.
 [12] Rego RL. O desenho urbano de Maringá e a ideia de cidade-jardim. Revista Acta Scientiarum. 2001; 23(6):1569-1577.